


PAISAGEM EM MOVIMENTO: TRANSFORMAÇÕES NO DESENHO E NA IMAGEM DA RUA SALES BARBOSA EM FEIRA DE SANTANA –BA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-326>

Data de submissão: 19/11/2024

Data de publicação: 19/12/2024

Bárbara Karolynne de Souza Nery
Lívia Dias de Azevedo

RESUMO

Feira de Santana se estabelece como uma das mais importantes cidades do estado da Bahia, tendo um forte potencial econômico, com destaque para o setor comercial. Com base em um discurso modernizador ao longo dos séculos XX e XXI, a cidade tem sua paisagem e, consequentemente, sua imagem transformadas seguindo padrões de modelos urbanísticos que pouco se relacionam com a identidade local e transformam consideravelmente ruas importantes do seu centro comercial. Nesta perspectiva, o objeto de estudo deste artigo é analisar as modificações na paisagem engendradas na Rua Sales Barbosa em Feira de Santana-Ba. Tendo como objetivo principal analisar as mudanças no desenho urbano da rua Sales Barbosa em Feira de Santana-Ba, com foco entre as mudanças da paisagem urbana desta rua e suas consequências no desenho e na imagem da cidade de Feira de Santana. Para tanto foram realizadas pesquisas em jornais locais, Bancos de Teses e Dissertações, sites como Scielo e Google Acadêmico, visitas de campo e registros fotográficos. A partir das análises observou-se que há uma busca constante por mudança na imagem da cidade o que significou ao longo da sua história no afastamento de características ligadas a cultura e identidade locais e uma inserção de elementos ligados a um suposto perfil de “modernidade” desejado. Esta perspectiva se confirma com o “Projeto Novo Centro” aplicado entre 2020 e 2022 que modificou consideravelmente a rua Sales Barbosa retirando elementos importantes da dinâmica local, alterando sua imagem e seu desenho.

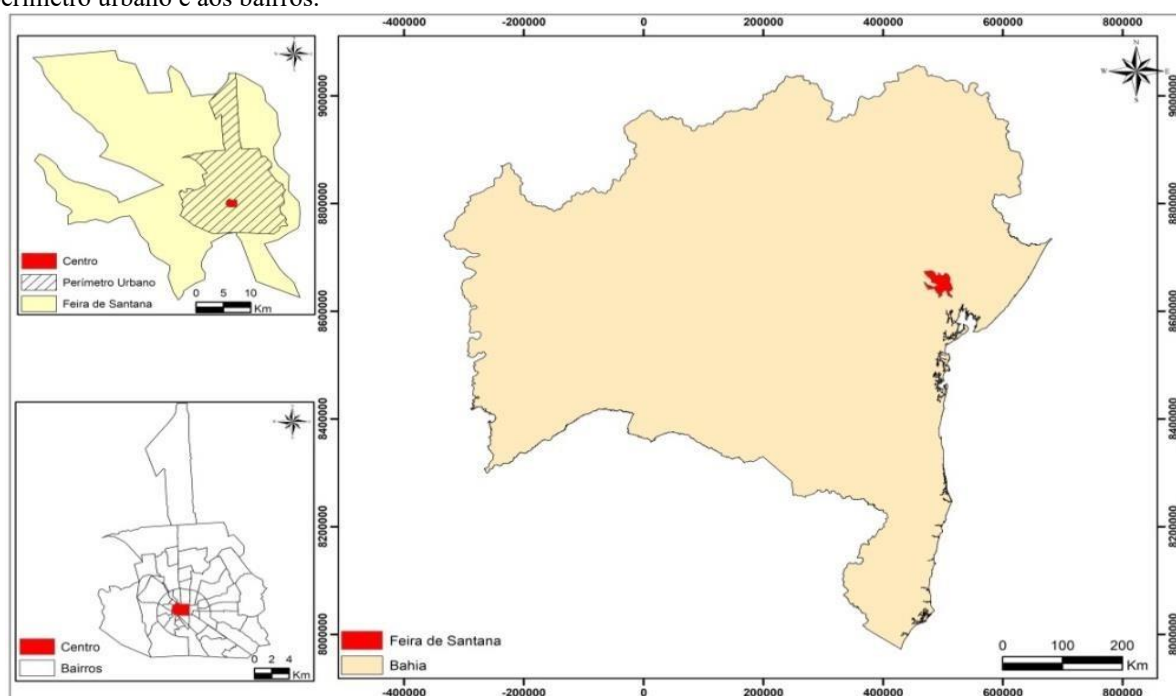
Palavras-chave: (Re)desenho Urbano. Projetos Urbanísticos. Espaço Urbano.

1 INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo as modificações no espaço e na paisagem tendem a acontecer de forma cada vez mais rápida. Destarte, as cidades, espaço privilegiado da vida urbana, se transformam constantemente em busca de adequações a um suposto modelo de “modernidade”, alterando, portanto, a sua paisagem. Não obstante, os setores governamentais se esforçam em promover mudanças estruturais em diversos espaços públicos na tentativa de adequá-los aos usos e a uma dinâmica considerada mais adequada ao dito “mundo moderno”, valorizando a fluidez na circulação de carros, pessoas e mercadorias.

Nessa perspectiva, a cidade de Feira de Santana passa por diversas mudanças estruturais em seu espaço urbano, e, por isso, se constitui como foco de análise deste estudo. Segunda maior cidade do estado da Bahia tendo uma população em 2022, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estimada de 616.279 habitantes. Está localizada no Centro Norte Baiano e abrange em sua microrregião 24 municípios, que são ligados à cidade, entre outros fatores, pelo seu forte potencial econômico e prestação de serviços, como nos campos da saúde e educação. O mapa 01 mostra a localização da cidade em referência ao estado da Bahia. Nos mapas menores à esquerda tem-se primeiro, o destaque para a região central em vermelho e para o perímetro urbano com hachuras, dentro do contorno delimitado do município. Segundo, tem-se o contorno dos bairros com destaque para o centro da cidade também em vermelho.

Mapa 1: Localização do município de Feira de Santana em relação ao contexto baiano e do centro da cidade em relação ao perímetro urbano e aos bairros.

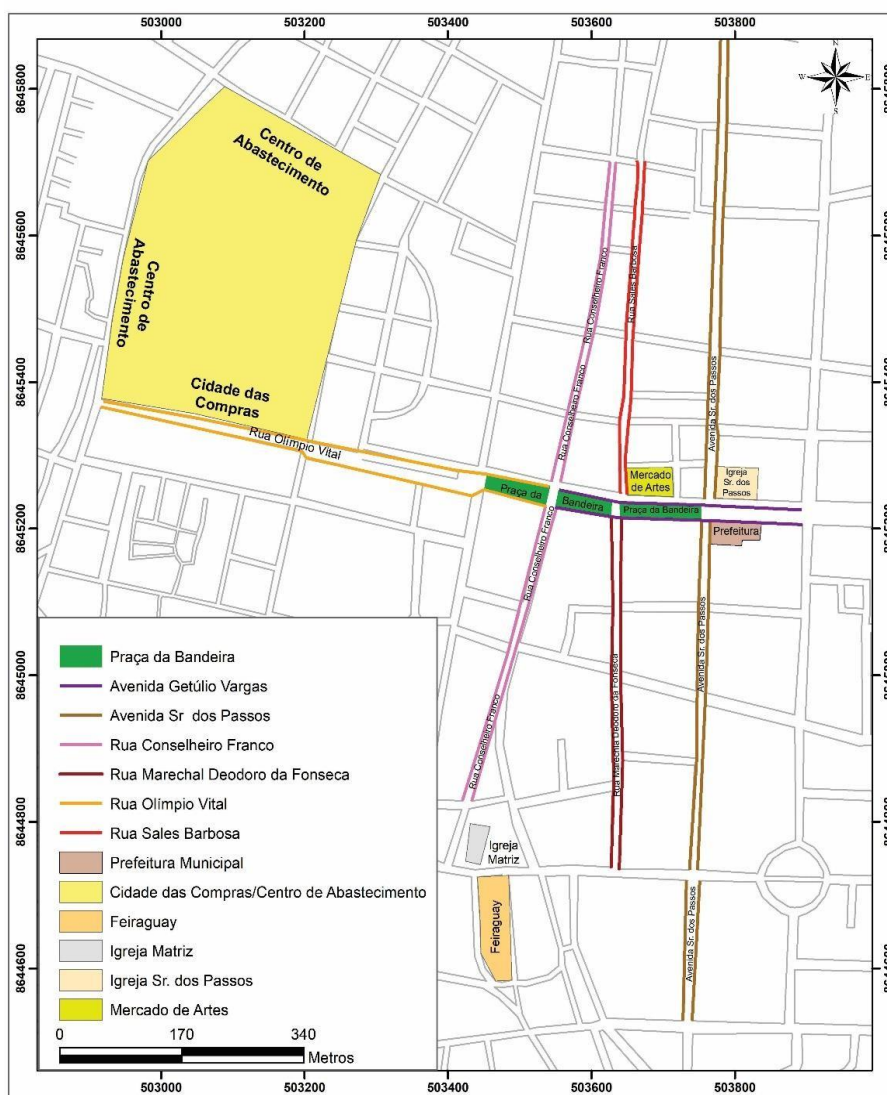


Fonte: Bahia, 2003. Elaborado por CARELLI, L; NERY, B. K. S, 2021.

Os espaços citadinos apresentam modificações de forma, função ou de estrutura que vão dando novas feições à paisagem, e, conseqüentemente, novos desenhos e imagens da cidade. De acordo com Santos (1978), o espaço é construído se organiza através das formas e funções que lhe são atribuídas. A forma é o visível, a composição visual dos objetos em conjunto. A função é a atividade que é atribuída/desempenhada pelo objeto criado pela sociedade; estes constituem e são constituídos pela a estrutura social criada ao longo da história a partir da relação espaço-tempo.

Neste sentido, o objeto em estudo deste artigo são as transformações na paisagem que produzem uma nova imagem para a cidade de Feira de Santana-Ba. Essas modificações serão aqui recortadas e representadas pela rua Sales Barbosa (Mapa 2), nos seus processos de (re)desenhos provocados pelas modificações engendradas ao logo do século XX e início do século XXI.

Mapa 2: Localização do centro urbano do município de Feira de Santana com destaque para principais ruas e avenidas.



Fonte: Bahia, 2003. Elaborado por CARELLI, L; NERY, B. K. S, 2022.

A via citada foi selecionada pois abriga em seu desenho a história da cidade de Feira de Santana em vários momentos, tais como: entre o fim do século XIX e início do século XX servindo de local de passagem das boiadas; entre o fim do século XX e início do século XXI foi espaço de ramificações da grande feira livre, pontos de referência do comércio ambulante e entre os anos de 2020 e 2022, área de implantação do projeto “Novo Centro”, projeto de reestruturação urbana desenvolvido pela prefeitura municipal. É a partir dessas mudanças que se projeta uma nova imagem para a cidade. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar as modificações na paisagem engendradas na rua Sales Barbosa em Feira de Santana-Ba.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se, pois contribui de forma sistematizada para ampliar as discussões acerca das mudanças na paisagem e no desenho urbano, propiciando reflexões acerca da imagem da cidade, da construção e reconstrução dessa imagem e dos interesses políticos, sociais, econômicos e culturais vinculados a essas mudanças.

À vista disso, a pesquisa tem como objetivo principal analisar as mudanças no desenho urbano da rua Sales Barbosa em Feira de Santana-Ba, com foco entre as mudanças da paisagem urbana desta rua e suas consequências no desenho e na imagem da cidade de Feira de Santana.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Como procedimentos metodológicos foram efetuados o levantamento da literatura específica através de livros, teses, dissertações e artigos científicos disponíveis em plataformas virtuais como o Banco de Teses e Dissertações (BDTD), *SciELO*, *Google Acadêmico* e repositório da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana e Universidade de Brasília. Foi utilizado os seguintes descritores para a busca: planejamento urbano, desenho urbano, imagem e paisagem urbana de Feira de Santana. Realizou-se buscas também em jornais locais em que suas reportagens evidenciaram a dinâmica e as transformações que ocorreram na referida rua ao longo do século XX e início do século XXI, bem como visitas de campo com registros fotográficos para evidenciar as atuais modificações e as transformações na dinâmica espacial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A relação sociedade-espço se reflete não somente pelas construções/objetos, mas também pelos seus usos. Por isso, torna-se possível conhecer a cidade através da sua paisagem, pois esta enquanto representação social se configura como linguagem passível de leituras e interpretações diversas.

Para Santos (2006),

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Daí vem a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos já não atende aos fins de quando foi construída. Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados, o que levou Lênin a dizer que a grande cidade é uma herança do capitalismo e veio para ficar, devendo os planejadores do futuro levar em conta essa realidade (SANTOS, 2006, p. 73).

A paisagem citada por Santos (2006) é criada ao longo do tempo e deriva de acréscimos e substituições que resulta em paisagens sobrepostas, revelam as mudanças pelas quais a própria sociedade passa no decorrer dos tempos históricos e suas diferentes demandas que são mutáveis e influenciadas pelas inovações tanto técnicas, políticas, econômicas quanto sociais e culturais. Nessa perspectiva os urbanistas, administradores públicos e todos os envolvidos no planejamento das modificações das cidades devem levar em consideração as diferenças entre as formas e seus momentos históricos e o vínculo que se pretende estabelecer com os padrões globais de desenvolvimento das cidades.

Compreendendo que a imagem de uma cidade perpassa por uma construção histórica com diversos atores sociais que modificam o seu desenho (LYNCH, 1997), a paisagem da cidade de Feira de Santana tem apresentado significativas modificações muito relacionadas a supostos ideais econômicos, sociais e de “modernidade”. Essas buscavam criar uma nova imagem para a cidade e para isso muitas vezes dilapidaram elementos representativos da cultura local, outras afastava-os para áreas consideradas mais adequadas a prática de atividades mais populares. A modernização muitas vezes significava destruição.

Alguns acontecimentos foram impulsionadores das mudanças na paisagem local. Entre eles está a instalação do Centro Industrial de Feira de Santana (CIS) em 1970. Sua implantação seguiu uma lógica locacional, pois a presença de grandes eixos rodoviários na cidade de Feira de Santana como as BR-324, BR-101, BR-116 facilitando a ligação a outras rodovias e tornando-a passagem obrigatória entre o Norte-Nordeste e o Centro-Sul do país, além de estar próximo ao porto de Aratu e Salvador e ao maior aeroporto do estado da Bahia o aeroporto Luís Eduardo Magalhães que à época se chamava aeroporto “2 de julho”, possibilitava a circulação de pessoas e mercadorias.

Esse estímulo à industrialização foi bem recebido pelos diversos seguimentos da sociedade que o incorporaram a um discurso modernizador e desenvolvimentista. À instalação do CIS se,

associou ao desenvolvimento local e regional. A cidade teria, de acordo com essa perspectiva, um forte crescimento econômico proporcionado pelo centro industrial, necessitando, portanto, adequar a sua imagem à modernidade representada por um empreendimento como este. Não caberia mais a cidade manter uma dinâmica ligada à sua herança agropastoril, quando a dinâmica das fazendas e o comércio do gado eram atividades marcantes e influenciavam o cotidiano da população.

Considerado como o mais importante complexo industrial local o CIS incentivou uma série de modificações na paisagem urbana, consideradas modernizações espaciais, todas com o intuito de adequar a cidade a um discurso catalizador de mudanças.

Para adequar-se à nova realidade industrial da cidade era preciso se afastar de todas as características que a vinculava ao atraso representado pela “desordem” e sujeira ou a sua tradição agropastoril, e um dos grandes símbolos dessa ligação era a feira livre que acontecia em ruas importantes no centro da cidade (Figura 1 e 2) e que representava não só a história local, mas a tornou conhecida nacionalmente como importante centro comercial do Norte-Nordeste.

Figura 1- Feira livre na Praça João Pedreira no final da década de 1960, em frente ao Mercado Municipal, atual Mercado de Arte Popular.



Fonte: (Magalhães, 1969)

Figura 2- Feira livre na Rua Sales Barbosa, ao lado do Mercado Municipal, atual Mercado de Arte.



Fonte: Memorial da feira (s/d nem autor)

Apesar de toda a efervescência social, cultural e comercial que acontecia na feira livre ela passou a ser vista como um atraso, um incômodo, pois além de tornar as principais vias de circulação do centro da cidade intransitáveis durante os dias de sua realização, o lixo, a bagunça e o barulho passaram a se tornar inaceitáveis para uma cidade que se pretendia “moderna”. Portanto, a retirada da feira livre foi uma reivindicação de diversos grupos da sociedade feirense que objetivavam “um lugar mais moderno, embelezado, organizado e higiênico, ou seja, queriam criar uma outra imagem de cidade” (AZEVEDO, 2015, p.81), principalmente após a instalação do CIS.

O desejo da modernidade e do progresso, que se pretendia produzir, só podiam ser alcançados com o deslocamento da feira para longe do centro da cidade. Para tanto, foi construído o Centro de Abastecimento (Ver localização no mapa 2) em área mais distante do espaço central da cidade. Em 1977 os feirantes foram transferidos, apesar dos embates e tensões provocados pelos trabalhadores que não concordavam com a retirada, seja por questões afetivas ou econômicas. Para os autores Magalhães, Silva e Oliveira (2009) a retirada da feira livre foi à última e mais significativa de todas as etapas do processo de modernização da cidade desenvolvido naquele período. A criação deste centro está intimamente ligada a reconstrução da imagem e do redesenho do centro da cidade e significou a finalização (pelo menos momentânea) de um processo de (re)organização do comércio.

Com a retirada da feira livre do centro da cidade os governos municipais buscaram realizar, em várias gestões que se seguiram após 1977, alterações nas vias onde ela acontecia, essas se apresentavam entre outras com colocação de asfalto e troca dos postes de iluminação pública. As modificações buscavam desvincular a relação existente a feira livre e seu entorno, símbolo de atraso.

Nesta perspectiva, muitas modificações foram feitas em várias ruas da cidade entre elas está uma das mais significativas do centro urbano a Sales Barbosa. Com a ausência da feira e a possibilidade de circulação mais fluida de pessoas e automóveis, em 1981 a pedido da Câmara de Dirigentes Logistas (CDL), no governo do então prefeito Cobert Martins da Silva, foi construído o calçadão na rua Sales Barbosa, objetivando melhorar o trânsito de pedestres que realizavam suas compras nas diversas lojas que já estavam instaladas (TELES, 2017). Era a inauguração de uma nova fase, consolidando o perfil comercial estabelecido pelo calçadão, elemento presente em grandes centros urbanos, e que demonstrava a grande importância comercial da região, possibilitando outras formas de circulação e sociabilidades.

A figura 3, retirada de uma reportagem do jornal Tribuna da Bahia do ano de 1981 evidencia o novo perfil proposto para este espaço um dos locais de intensas modificações urbanas na cidade. Uma nova face, um novo desenho como evidencia a chamada da reportagem. Com piso em pedra portuguesa e banco de cimento com jardim ao centro, a via permitia a circulação de pessoas sem impedimentos de veículos, barracas ou carros de mão e a visualização das fachadas das lojas. É a nova imagem que se pretendia produzir, um local limpo, amplo e embelezado para a realização das compras.

Figura 3- Calçadão da Sales Barbosa 1981



Fonte: TRIBUNA DA BAHIA (1981)

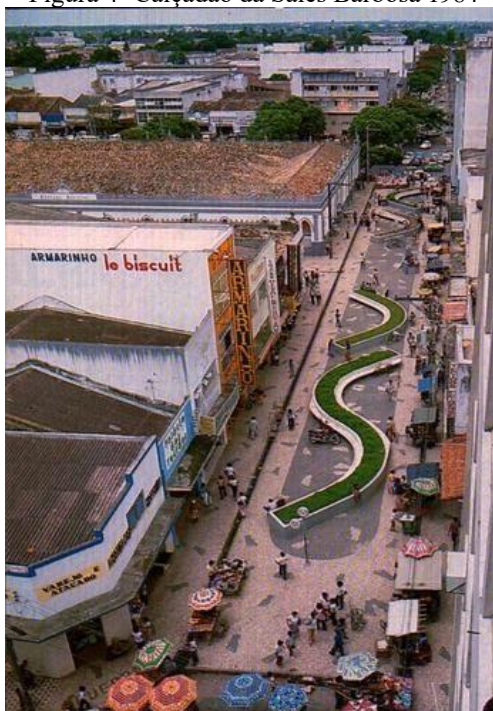
Esse calçadão modificou a paisagem. A imagem apresenta a intensa circulação das pessoas, a via passou a ser conhecida como ponto forte e puramente comercial (formal), com uma grande variedade de lojas que comercializavam artigos de vestuário, calçadista e de armarinho.

A partir de meados de 1988 o prefeito José Falcão da Silva fez a encomenda do “Projeto Centro” que propunha um grande redesenho urbanístico na área central da cidade. Para isso, o projeto propunha intervenções urbanísticas importantes como alargamento de ruas, reestruturação de calçadas, arborização, colocação de bancos pré-moldados, pavimentação asfáltica, entre outras. Era um projeto que se mostrava grandioso na perspectiva do redesenho urbano da cidade de Feira de Santana. O desenho urbano é aqui compreendido como o estudo que relaciona o espaço construído e as interações humanas sobre esse espaço (DEL RIO, 1990), por tanto o redesenho se apresenta como novas dinâmicas e interações espaciais.

Após a retirada dos feirantes das ruas do centro da cidade e sua realocação para o Centro de Abastecimento, grupos de vendedores ambulantes ocuparam as imediações onde ocorria a antiga feira livre, ocupando também a rua Sales Barbosa. Isso se deve a dois fatores: antigos vendedores que atuavam na feira livre comercializando diversos produtos voltaram a comercializar com barracas ou lonas no chão, motivados pela não adaptação ao Centro de Abastecimento ou por que as vagas oferecidas no novo espaço eram menores do que o número de vendedores que trabalhavam na feira, que chegou a ter 5.500 feirantes. Nestes espaços se instalaram também novos vendedores, denominados de camelôs, que não estando inseridos no mercado de trabalho formal encontravam na informalidade o meio de sustento.

A figura 4 datada do ano de 1984, demonstra um dos momentos de mudança na paisagem da rua. Esta começa a apresentar a presença de vendedores ambulantes com suas barracas, aproveitando o movimento intenso de clientes. Neste momento, elas se concentram a direita da imagem, já bem próximo às lojas se estendendo para o meio como é evidenciado no recorte inferior da imagem. O espaço central ainda permanece com os bancos de cimento. Em sua maioria as barracas não tem estrutura fixa, feitas de maneira improvisada. Os carros de mão estão presentes cobertos por guarda-sol. A apropriação deste espaço pelos ambulantes retoma um processo já visto durante a realização da feira livre, o de apropriação do espaço pelo comércio informal.

Figura 4- Calçada da Sales Barbosa 1984



Fonte: Blog Por Simas. Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com/2020/01/rua-sales-barbosa-feira-de-santana.html>. Acessado em: 2 agosto 2022.

O aumento da ocupação das ruas pelos vendedores, camelôs e ambulantes entre as décadas de 1980 e 1990 provocou uma mudança de postura do governo municipal na gestão do prefeito Cobert Martins da Silva, que após muitos embates elaborou um novo projeto para a Rua Sales Barbosa, no qual ocorreria a acomodação efetiva dos vendedores ambulantes nesse espaço.

Entretanto, muitas tentativas de organização e de retiradas forçadas foram sendo realizadas pelos governos que se seguiram, incomodados com a presença desses trabalhadores nas ruas, sendo então divididos por ramos de atividade e pelo tipo de produto comercializado. Os próprios camelôs ansiavam uma organização que não prejudicasse o tipo de atividade comercial desenvolvida. Não desejavam sair da Sales Barbosa, mas permanecer de forma organizada. No final do ano de 1991, eles foram organizados através de demarcação de espaços e padronização de barracas na referida rua. Os vendedores de relógios e bijuterias foram organizados na rua Benjamim Constant, atrás do Mercado de Arte Popular, rua paralela a Sales Barbosa. A organização foi feita com o apoio dos camelôs e da própria associação da categoria.

Essa “Nova Feira Livre” da cidade, com novas mercadorias comercializadas, principalmente produtos de origem chinesa, continuou a causar incômodo aos comerciantes do centro, pois além da concorrência relacionada aos preços dos produtos, esse grupo ganhou força comercial atraindo muitos consumidores e se destacando pela sua característica popular muito semelhante a uma feira livre.

Além disso, existiam conflitos entre os próprios grupos de camelôs que vendiam mercadorias diferentes, mas ocupavam o mesmo espaço.

A solução foi, então, proposta pela prefeitura municipal em 1994, na gestão do então prefeito José Raimundo Pereira de Azevedo, transferir o grupo denominado de “Feiragui” (grupo de vendedores ambulantes que vendiam produtos vindos da rota China-Paraguai), para outro local do centro da cidade, porém mais afastado, prometendo aos trabalhadores melhores condições de infraestrutura, o que depois não foi ofertado.

A partir de negociações com o grupo de vendedores ambulantes, representados por seis comerciantes, o Poder Municipal desloca-os, de forma pacífica, para a Praça Presidente Médici, próxima à Igreja Matriz, garantindo aos comerciantes condições dignas de trabalho, como infraestrutura: água, energia e limpeza. Como o local não fazia parte da área central do comércio, tornava-se ideal para suprir às reivindicações dos comerciantes do setor formal e da própria Prefeitura, já que estes vendedores ambulantes estariam isolados (QUEIROZ, 2014, p.14-15).

Após essa transferência novos ambulantes e camelôs se instalaram na via. Com o decorrer do tempo as barracas dos camelôs ocuparam toda a extensão central da rua Sales Barbosa. O transitar de pessoas buscando mercadorias vendidas nas lojas e nas barracas era intenso. Trabalhadores ambulantes circulavam na via aproveitando o intenso movimento de consumidores. A Figura 5 apresenta a rua em momento de intenso movimento. Pessoas andando a pé ou em bicicletas circulavam no espaço que era marcado pela exposição das mercadorias. Essa dinâmica consolidou a rua como parte importante do comércio informal da cidade, reafirmando sua imagem de centro comercial.

Figura 5- Rua Sales Barbosa no ano de 2013.



Fonte: Blog da Feira - Blog online, disponível em: <https://blogdafeira.com.br/home/2013/12/24/centro-comercial-de-feira-de-santana/>. Acessado em 27 dez 2022

Entre os anos de 2020 e 2022 um novo projeto com a mesma perspectiva dos anteriores foi colocado em execução pelo governo municipal, o “Projeto Novo Centro”. Divulgado pelo site oficial da prefeitura e pelas propagandas veiculadas pela mídia local, como um projeto de revitalização/requalificação do centro da cidade o projeto iniciou suas obras em 16 de abril de 2021.

Dentre as várias ruas que receberam modificações está a rua Sales Barbosa. As modificações realizadas na via buscavam a ressignificação da sua imagem. A imagem 6 apresenta a rua Sales Barbosa após a conclusão das obras do “Projeto Novo Centro”. A rua tem um novo pavimento, com a retirada da pavimentação em pedra portuguesa e a colocação do piso intertravado, mais alinhado com as novas propostas de pavimentação urbana.

Figura 6- Rua Sales Barbosa após a conclusão das obras do Projeto “Novo Centro”



Fonte: Arquivo pessoal (18 de janeiro de 2022)

De acordo com o Projeto “Novo Centro” o desenho da rua Sales Barbosa foi direcionado tanto à circulação de pessoas quanto a permanência de pedestres naquele espaço da cidade. Contudo, a forma como foi colocado o mobiliário com os bancos de cimento expostos ao calor do sol e a chuva dificulta a utilização da população em dias de sol forte por conta do aquecimento do material e em dias de chuva pois ficam molhados, embora em dias de intenso movimento alguns consumidores cansados da movimentação acabam por utilizar um ou outro equipamento que temporariamente recebe a sobra provocada pelos prédios.

Apesar da proposta direcionar a rua como espaço de lazer, não foram inseridos elementos fixos que proporcionem está prática. Os espaços destinados ao descanso são utilizados de forma parcial. Efetivamente a circulação é a atividade mais ativa na via, o ambiente não se caracteriza por ser dinâmico para realizações de eventos culturais, manifestações artísticas ou ponto de encontro. Os equipamentos urbanos e mobiliários utilizados dão uma uniformidade ao espaço. O local assim é caracterizado não pela permanência, mas sim pela circulação rápida.

De modo geral a nova imagem proposta para a rua estava mais direcionada ao afastamento do comércio popular de rua exercido pelos ambulantes e pelos camelôs numa perspectiva de possibilitar um maior fluxo de pessoas, atraindo outros públicos consumidores e direcionando a novas dinâmicas espaciais, ou seja, a um novo desenho da rua, tanto relacionado a estrutura como a sua utilização.

4 CONCLUSÕES

O comércio em Feira de Santana realizado por vendedores ambulantes e camelôs tem redesenhado rotas urbanas a partir de processos de exclusão e marginalização que ganham maior visibilidade em 1977 com a retirada da feira livre. Ações que tem como foco o afastamento dos trabalhadores das ruas tem sido aplicadas todas as vezes que o retorno dos ambulantes à área central se torna um incômodo para a imagem da cidade. Esse processo passa a ser cíclico verificado de tempos em tempos na cidade, como, por exemplo, a retirada da feira livre da área central da cidade e as tentativas constantes do governo municipal em restringir os espaços onde esses trabalhadores podem atuar.

Muitas modificações engendradas na rua tiveram como elemento importante a retirada dos trabalhadores ambulantes, feirantes e quaisquer outros que se apresentassem como inadequados ao ideal moderno, já que, supostamente, estes conformam um imaginário de atraso e incivilidade. Para se efetivar essa retirada projetos urbanísticos são elaborados buscando a modernização da cidade. Entre os anos de 2020 e 2022 um novo projeto com essa mesma perspectiva foi colocado em execução pelo governo feirense, o “Projeto Novo Centro”.

Esse projeto redesenhou os modos de utilização e de apropriação da rua Sales Barbosa influenciando e incentivando na construção de uma nova imagem para a via. Esta que se caracterizou pelo comércio popular com barracas e camelôs espalhados pelo seu espaço, se apresenta após a conclusão das obras do “Projeto Novo Centro” como local de rápida circulação de pessoas que buscam mercadorias pelas vitrines das lojas, que acompanhando as intensas modificações tem alterado suas faixadas numa tentativa de atrair novos públicos consumidores.

Os frequentadores deixaram de ser os consumidores que buscavam mercadorias comercializadas pelos ambulantes e camelôs, após a aplicabilidade do projeto foi direcionado para aqueles que se interessam pelos produtos comercializados pelas lojas. O mobiliário urbano utilizado não favorece a parada e sim a circulação, facilitada pelo grande espaço vazio central. O novo desenho urbano altera significativamente a composição da imagem e a apropriação da via o que incentiva uma mudança no perfil do público frequentador.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Livia Dias de. Feira de Santana: entre culturas, paisagens, imagens e memórias visuais urbanas (1950-2009). Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

DEL RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento - São Paulo: Pini, 1990.

LYNCK, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª ed., 2011.

MAGALHÃES, Antônio Ferreira de; SILVA, Aldo José Moraes; OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

QUEIROZ, Amanda Maracajá Vaz de Lima. Da rua para o Shopping Feiraguay: desenho urbano e memória visual do comércio popular em Feira de Santana, Ba (1970-2012). 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

TELES, Alessandra Oliveira O comércio informal em Feira de Santana (BA): permanências e mudanças. São Cristóvão, 2017. 247 f. : il. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.